

Dificuldades de Aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados

Sheila Maria Mazer

Alessandra Cristina Dal Bello

Marina Rezende Bazon

Atualmente, no Brasil, presenciam-se muitos problemas na Educação da rede pública de ensino, como abandono escolar, crianças que passam pela escola sem mesmo conseguirem se alfabetizar, queixas dos professores em relação à falta de concentração dos alunos, desinteresse, violência e indisciplina que corroboram com a cronicidade dos problemas de aprendizagem.

O Sistema de Progressão Continuada, adotado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em que as crianças não repetem o ano, mas recebem apoio extra para aprenderem os conteúdos em que tiveram dificuldade, não foi adequadamente implementado e o que se observa são alunos que chegam às séries mais adiantadas sem um repertório mínimo de conhecimentos e habilidades para continuar sua escolarização (Valente e Arelaro, 2002).

Apesar desse grave quadro da Educação no Brasil, dados do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais apontam que 27.063.256 crianças de 7 a 14 anos estiveram matriculadas no Ensino Fundamental no país, em 2005 (Brasil, 2006). Apesar de o dado sugerir aumento no número de crianças que frequentam a escola, o que se observa é que a ampliação do acesso ao Ensino Fundamental foi acompanhada de repetência, abandono escolar e degradação da qualidade, evidenciando que o principal problema atualmente na educação não é quantitativo, mas diz respeito à qualidade do ensino oferecido.

Essas reflexões são uma introdução ao tema a que se propõe este trabalho, perfazendo o cenário em que estão inseridas as escolas e, nelas, as crianças com dificuldades de aprendizagem. Pesquisas têm relacionado problemas psicossociais na adolescência à presença de dificuldades de aprendizagem na infância, sendo por isso um tema que merece ser investigado (Maughan, Gray e Rutter, 1985;

Rutter, 1987; Santos e Marturano, 1999; Marturano, 2000; Ferreira e Marturano, 2002; Morrison, Robertson, Laurie e Kelly, 2002; Elias, 2003; Motta, 2003; Sapienzal e Pedromônico, 2005).

A dificuldade de aprendizagem é apresentada ou percebida no momento do ingresso formal da criança na escola. É um período de crucial importância para o desenvolvimento, em que o indivíduo deve cumprir tarefas desenvolvimentais, como adquirir competências nas relações interpessoais, sair-se bem na escola, aprender a ler e a escrever, manter uma conduta governada por regras (Elias, 2003; Rapaport, 1981).

No ambiente escolar, a criança recebe as avaliações de seus professores, colegas e pais sobre suas habilidades e sucessos acadêmicos e, com base nelas, constrói uma visão de si (Cubero e Moreno, 1995). A vivência de situações de baixo rendimento escolar gera não apenas sentimentos como baixa autoestima, mas também influencia na capacidade produtiva do indivíduo, na aceitação pelos pares etários e familiares e em outras áreas do desenvolvimento. Além disso, o sucesso escolar favorece o desenvolvimento socioafetivo adequado (Elias, 2003). Nesse sentido, esse período é de grande importância por concentrar grandes desafios desenvolvimentais, e a ocorrência de dificuldades de aprendizagem pode trazer consequências negativas no futuro.

No entanto, embora as pesquisas na área da educação apontem a necessidade de atenção para os problemas de aprendizagem, a literatura referente a esse tema, na maioria das vezes, aborda as dificuldades de aprendizagem sem discriminá-la como causa ou consequência; isto é, quando a dificuldade de aprendizagem é um fator de risco para problemas psicossociais ou quando existem fatores de risco que predisõem a criança a desenvolver problemas de aprendizagem no futuro. Tal discriminação é importante para a elaboração de programas de intervenção que visam a redução de sua incidência e prevenção de consequências psicossociais associadas, seja o foco da intervenção a própria dificuldade de aprendizagem, para prevenir problemas que decorrem dela, seja o foco da intervenção fatores que antecedem a dificuldade de aprendizagem e poderiam aumentar a probabilidade de ocorrência da mesma.

É possível afirmar que a dificuldade de aprendizagem está inserida em uma cadeia de causas e consequências de problemas psicossociais na infância, que precisam receber a atenção necessária, pois ora funcionam como causa, ora como consequência de problemas comuns na idade escolar.

Assim, o objetivo do presente trabalho foi realizar uma revisão da produção científica acerca dos trabalhos publicados na literatura nacional e internacional, por meio de pesquisas em bases de dados, resumos e artigos científicos, teses e dissertações sobre dificuldades de aprendizagem, abordando suas definições, consequências, fatores de risco associados em crianças no início da etapa escolar. A revisão da literatura visou mapear os estudos que têm sido feitos na área e buscou procurar como as dificuldades de aprendizagem estão situadas no universo científico.

Um estudo de revisão de literatura sobre o tema se faz necessário na medida em que a dificuldade de aprendizagem na infância, constituída como um problema de grande relevância na atualidade, precisa ter seu campo de investigação teórico sistematizado, a fim de que possa contribuir para pesquisas e intervenções na área, sempre visando responder às demandas por conhecimentos advindas dos problemas sociais.

Definições de dificuldades de aprendizagem

Não há consenso na literatura em relação à definição para as dificuldades de aprendizagem. Numa perspectiva orgânica, as dificuldades de aprendizagem são consideradas como desordens neurológicas que interferem na recepção, integração ou expressão de informação e são manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio, habilidades matemáticas ou habilidades sociais (Correia e Martins, 2005; Almeida e Alves, 2002; Fonseca, 1995; García, 1998).

O Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais – DSM IV (1994), por sua vez, define como transtornos da aprendizagem quando os resultados do indivíduo em testes padronizados de leitura, matemática ou expressão escrita estão substancialmente abaixo do esperado para sua idade, escolarização e nível de inteligência. Já a Classificação de transtornos mentais e de comportamento – CID 10 (1993) denomina dificuldade de aprendizagem como transtornos nos quais as modalidades habituais de aprendizado estão alteradas desde as primeiras etapas do desenvolvimento.

Numa perspectiva educacional, as dificuldades de aprendizagem refletem uma incapacidade ou impedimento para a aprendizagem da leitura, escrita ou cálculo ou para a aquisição de aptidões sociais (Correia e Martins, 2005).

Ballone (2004) afirma que as dificuldades de aprendizagem não devem ser tratadas como se fossem problemas insolúveis, mas como desafios que fazem parte do próprio processo da aprendizagem. Também considera necessário identificar e preveni-las mais precocemente, de preferência ainda na pré-escola.

Fatores de risco e fatores de proteção: conceitos

A abordagem teórica-conceitual escolhida para pensar os problemas de aprendizagem neste trabalho diz respeito aos fatores de risco e proteção que estão presentes na vida de um indivíduo. Segundo essa abordagem, é a interação entre os fatores que vão determinar se um indivíduo vai ou não desenvolver um problema psicossocial ou uma patologia no futuro. Sendo assim, é importante que se conheçam esses fatores para que se possam adotar medidas preventivas para os problemas que atingem a infância e a adolescência.

Por definição, fatores de risco compreendem eventos negativos que ocorrem na vida de um indivíduo e que, quando estão presentes, aumentam a probabilidade de que ele venha a apresentar problemas de ordem física, social ou emocional (Yunes e Szymansky, 2001), podendo prejudicar sua adaptação e gerar uma organização patológica de seus sistemas biológico, emocional, cognitivo, linguístico, interpessoal e representacional (Cicchetti, Rogosh e Toth citados por Cicchetti e Toth, 1997).

Contudo, a presença de fatores de risco na vida de um indivíduo não significa, necessariamente, que ele vá apresentar algum problema no seu desenvolvimento, uma vez que a vulnerabilidade varia de um indivíduo para outro, sendo também importante considerar a extensão em que cada pessoa experiencia os fatores de risco em função de sua história pregressa (Yunes e Szymansky, 2001; Rutter, 1999).

Análises mais sofisticadas sugerem que o risco é um processo, e que o número total de fatores de risco a que uma pessoa foi exposta, o período de tempo, o momento da exposição ao risco e o contexto são mais importantes do que uma única exposição grave (Engle, Castle e Menon, 1996). No entanto, deve-se levar em conta não apenas o número de eventos de adversidades, mas como o evento afetou o indivíduo.

Em contraposição ao risco, existem os fatores de proteção que são influências ambientais e das características do indivíduo que provocam uma modificação da resposta aos processos de risco. As funções dos fatores de proteção são:

reduzir o impacto dos riscos; reduzir as reações negativas em cadeia que seguem a exposição do indivíduo à situação de risco; estabelecer e manter a autoestima e autoeficácia, através de estabelecimento de relações de apego seguras e o cumprimento de tarefas com sucesso; criar oportunidades para reverter os efeitos do estresse (Rutter, 1987).

Tendo em conta a diversidade de trabalhos encontrados, eles serão agrupados em trabalhos que abordam as dificuldades de aprendizagem como fatores de risco para desenvolvimentos de problemas psicossociais, trabalhos que apontam fatores de risco para desenvolvimentos das dificuldades de aprendizagem e os que não fazem essa diferenciação, apenas associando a dificuldade de aprendizagem a alguma condição.

Fatores de risco e dificuldades de aprendizagem

Dificuldades de aprendizagem como fatores de risco

Vários trabalhos relacionam a dificuldade de aprendizagem como risco para o desenvolvimento de problemas psicossociais (Rutter, 1987; Santos e Marturano, 1999; Marturano, 2000; Ferreira e Marturano, 2002; Morrison, Robertson, Laurie e Kelly, 2002; Elias, 2003; Motta, 2003; Sapienzal e Pedromônico, 2005).

A criança com dificuldade na aprendizagem pode desenvolver sentimentos de baixa autoestima e inferioridade (Erikson, 1971 citado por Santos e Marturano, 1999), frequentemente acompanhadas de déficits em habilidades sociais e problemas emocionais ou de comportamento (Elias, 2003; Motta, 2003). Assim, as dificuldades de aprendizagem, quando persistentes e associadas a fatores de risco presentes no ambiente familiar e social mais amplo, podem afetar negativamente o desenvolvimento do indivíduo e seu ajustamento em etapas subsequentes (Santos e Marturano, 1999). E, de acordo com Sapienzal e Pedromônico (2005), os próprios problemas de aprendizagem são considerados como fator de risco, pois desencadeiam uma série de consequências negativas na vida das crianças.

Os problemas escolares são frequentemente associados aos problemas de comportamento de crianças e adolescentes. Ferreira e Marturano (2002) pesquisaram associações entre contextos de risco e problemas de comportamento em crianças com baixo desempenho escolar. Concluíram que as dificuldades acadêmicas tendem a aumentar a vulnerabilidade para a inadaptação psicossocial, quando o ambiente familiar está repleto de adversidades, como problemas nos

relacionamentos interpessoais, falhas parentais quanto à supervisão, monitoramento e suporte, menor investimento dos pais no desenvolvimento da criança, práticas punitivas e modelos adultos agressivos. E enfatizam a importância de ações preventivas que envolvam a criança e seu ambiente familiar.

Elias (2003) aponta que o baixo desempenho escolar aparece frequentemente associado a problemas socioemocionais, o que constitui um fator de risco para distúrbios psicossociais na adolescência e que indivíduos com problemas dessa natureza apresentam déficits em habilidades de solução de problemas interpessoais e problemas de comportamento. Motta (2003) também aponta que a associação entre dificuldade de aprendizagem e problemas de comportamento tem sido objeto de estudo por constituir fator de risco ao desenvolvimento das crianças.

Segundo Bianchi (2005), a manifestação simultânea de dificuldades comportamentais e escolares amplia a possibilidade de problemas nos contextos social e acadêmico, com prejuízo nos relacionamentos interpessoais e interferência no ajustamento social, favorecendo a tendência ao isolamento social, com risco de comportamento antissocial. Além disso, as dificuldades de aprendizagem e a percepção de limitações quando comparadas ao grupo de iguais leva as crianças a apresentarem sentimentos de menos valia e impotência.

O trabalho de Barrera e Maluf (2003) aponta correlações significativas entre os níveis iniciais de consciência fonológica e o desempenho acadêmico de crianças. A consciência fonológica refere-se à capacidade da criança em reconhecer que o que ela escreve é aquilo que verbaliza. Constitui uma capacidade que é adquirida normalmente pela criança ao longo de seu desenvolvimento. Porém, a literatura mostra que a não aquisição da consciência fonológica contribui para o desenvolvimento de dificuldades na leitura e escrita (Barrera e Maluf, 2003; Capovilla e Capovilla, 2000; Santos, 1996), ou seja, ela pode ser considerada como um fator de risco.

Carneiro, Martinelli e Sisto (2003) buscaram verificar diferenças significativas entre os níveis de dificuldade de aprendizagem na escrita e o autoconceito geral, escolar, social, familiar e pessoal de crianças no Ensino Fundamental. Os resultados evidenciaram que a dificuldade de aprendizagem na escrita está significativamente relacionada com o autoconceito geral e com o escolar, verificando-se que conforme aumenta o nível de dificuldade de aprendizagem na escrita diminui o autoconceito.

Fatores de risco para o desenvolvimento das dificuldades de aprendizagem

Del Prette (2000) associa déficits de habilidades sociais na infância como fatores de risco, apresentando correlações significativas com as dificuldades de aprendizagem. A autora aponta o desenvolvimento da competência social e um repertório elaborado de habilidades sociais como fatores de proteção e resiliência no desenvolvimento de indivíduos.

Boruchovitch (1994 citado por Bianchi, 2005) afirma que a autoeficácia, crença do indivíduo em sua capacidade de desempenho em atividades (Bandura, 1989), interfere no nível de desempenho da criança, em fatores como a escolha de atividades, motivação e quantidade de esforço a ser investido nas demandas próprias do contexto escolar. De acordo com Medeiros (2000), crianças com senso de autoeficácia são capazes de perceber a si mesmas com habilidades e apresentam estratégias cognitivas para lidar com problemas potenciais e essa expectativa de autoeficácia pode influenciar também o comportamento.

O ambiente escolar é um contexto em que o senso de eficácia é constantemente testado e construído, principalmente na relação do aluno com o professor, funcionários e colegas.

Resenthal e Jacobson (1968) fizeram um estudo em que professoras foram levadas a acreditar que alguns de seus alunos deveriam apresentar grande progresso escolar ao longo do ano e esses alunos realmente mostraram tais progressos. Os autores sugerem que a explicação para tal resultado está na sutil interação entre o professor e seus alunos: o tom de voz, a postura, a expressão facial seriam os meios através dos quais, involuntariamente, o professor comunica suas expectativas aos seus alunos e essa comunicação contribui para o aluno construir a concepção de si. Assim, é possível que o aluno vá mal porque é isso que se espera dele, ou seja, a expectativa negativa do professor pode constituir um fator de risco para o desempenho acadêmico dos alunos.

Fatores de risco associados às dificuldades de aprendizagem

No contexto escolar, é comum encontrar, em crianças que têm dificuldades em aprender, a sobreposição de diversos fatores de risco, como pobreza, conflitos familiares, violência, maus tratos familiares, dentre outros.

Pesquisas mostram que crianças com dificuldades acadêmicas manifestam paralelamente prejuízos de ordem emocional e comportamental (Graminha e

Coelho, 1994; Medeiros, 2000). São frequentes dificuldades intra e interpessoais como solidão, depressão, suicídio e delinquência, que coexistem com as dificuldades de aprendizagem, potencializando os efeitos das mesmas, conduzindo a resultados negativos na vida adulta (Weller, Watteyne, Herbert e Crelly, 1994; Bender e Wall, 1994).

A literatura ainda aponta correlações entre dificuldades de aprendizagem, autoconceito e senso de autoeficácia (Bianchi, 2005; Okano, Loureiro, Linhares e Marturano, 2004; Medeiros, Loureiro e Marturano, 2003; Carneiro, Martinelli e Sisto, 2003; Jacob, 2001; Loureiro, 2000; Medeiros, 2000; Bandura, 1989).

Bianchi (2005) traz que o prejuízo no autoconceito torna-se maior diante da sobreposição de dificuldades de aprendizagem e de comportamento, isso porque a criança que apresenta essa combinação de fatores tem mais dificuldade em construir confiança em si mesma.

Giurlane (2004) afirma que a influência do ambiente familiar é significativa tanto sobre problemas de comportamento como sobre dificuldades no aprendizado acadêmico. As crianças que não vão bem na escola sofrem uma pressão criada por uma rede de pessoas significativas em suas vidas e da sociedade em geral.

Conclusões

A partir da definição de conceitos fundamentais como dificuldade de aprendizagem e fatores de risco associados a ela, de acordo com os achados na literatura, foi possível traçar um panorama geral dos estudos acadêmicos sobre o tema dos problemas de aprendizagem na infância.

Em nível de intervenções preventivas que visam diminuir a incidência do problema nos primeiros anos escolares, são muito relevantes os estudos que identificam os fatores de risco para o desenvolvimento das dificuldades de aprendizagem, para que se possa atuar diretamente sobre esses fatores, prevenindo seu aparecimento e, conseqüentemente, os problemas psicossociais que dela decorrem ou estão a ela associados.

É importante ressaltar que a maioria dos trabalhos analisados não utiliza os conceitos de fatores de risco e proteção como abordados no presente artigo e, portanto, a análise dos mesmos para a identificação da condição dos fatores de risco foi feita a partir de inferências dos pesquisadores, partindo da conceituação dos mesmos.

O agrupamento dos estudos mostrou que a maioria dos estudos aborda a dificuldade de aprendizagem como fator de risco para problemas psicossociais (baixa autoestima, déficit de habilidades sociais, problemas de comportamento, comportamentos antissociais ou inadaptação social). Observa-se também que nem sempre a dificuldade de aprendizagem aparece como fator de risco isolado; ela aparece associada com problemas socioemocionais e comportamentais (Elias, 2003; Motta, 2003 e Bianchi, 2005), ambiente familiar repleto de adversidades (Ferreira e Marturano, 2002) e a associação entre esses fatores de riscos trazem prejuízos para a criança. Foi possível identificar alguns fatores de risco para o desenvolvimento das dificuldades de aprendizagem: déficit de habilidades sociais, baixa autoeficácia, ausência do desenvolvimento de consciência fonológica, expectativas negativas dos professores.

Porém, não é simples afirmar que uma determinada condição psicossocial age como causa ou consequência na vida de um indivíduo. Uma criança que apresenta dificuldade de aprendizagem, provavelmente, já passou por diversas cadeias de circunstâncias desfavoráveis para o seu desenvolvimento e essa dificuldade, se persistir, também acarretará novos prejuízos psicossociais, que, por sua vez, também contribuirão para a manutenção ou intensificação dos problemas de aprendizagem. Daí a dificuldade na identificação dos fatores como causa ou consequência.

A revisão também apontou que o autoconceito, o senso de autoeficácia, problemas emocionais e de comportamento são descritos como causa da dificuldade de aprendizagem e também associados a ela, causando outros prejuízos para o indivíduo. O déficit de habilidades sociais aparece como fator de risco e também consequência. Isso mostra a dificuldade de se identificar de que maneira essas variáveis atuam ou atuaram no desenvolvimento do indivíduo. Além disso, a maioria dos estudos analisados não se mostrou preocupada com essa distinção.

As pesquisas abordam a dificuldade de aprendizagem com o problema já presente na vida da criança, e com isso, não é possível ter acesso aos processos pelos quais essa dificuldade se instalou. Nesse sentido, é importante o desenvolvimento de estudos longitudinais para a melhor identificação dos fatores de risco. Também consiste um desafio à frente investigar sob quais mecanismos operam esses fatores, prevenindo ou causando as dificuldades de aprendizagem. Nenhum estudo nesse sentido foi encontrado na literatura.

Resumo

O objetivo deste trabalho teórico foi realizar uma revisão da literatura sobre dificuldades de aprendizagem através de pesquisa em bases de dados, resumos e artigos científicos, teses e dissertações, mapeando o que os estudos levantam como fatores de risco associados à dificuldade de aprendizagem em crianças em início da etapa escolar. Os resultados mostraram que a maioria dos estudos aborda a dificuldade de aprendizagem como fator de risco para problemas psicossociais na infância, associados a problemas socioemocionais e comportamentais. A contribuição do presente estudo é alarmar para a necessidade do desenvolvimento de estudos longitudinais para a melhor identificação dos fatores de risco e da investigação dos mecanismos que operam nesses fatores, prevenindo ou causando as dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: revisão de literatura; dificuldade de aprendizagem; fatores de risco.

Abstract

The objective of this theoretical work was to carry through a revision of literature on learning difficulties, through research in scientific, teses summary, databases and article and dissertations, looking for what the studies raise as risk factors associates to the difficulty of learning in children in beginning of the pertaining to school stage. The results had shown that the majority of the studies approaches the learning difficulty as factor of risk for psicossociais problems in infancy, associates the partner-emotional and manning problems. The contribution of the present study is to alarm the necessity of the development of longitudinal studies for the best identification of the factors of risk and the inquiry of the mechanisms that operate in these factors, preventing or causing the learning difficulties.

Keywords: literature revision; learning difficulty; risk factors.

Resumen

El objetivo de este trabajo teórico era llevar con una revisión de la literatura en dificultades que aprendían, con la investigación en científico, los teses resumen, las bases de datos y artículo y dissertações, mapeando qué los estudios levantan mientras que los factores de riesgo se asocian a la dificultad de aprender en niños en el principio de pertenecer a la etapa de la escuela. Los resultados habían demostrado que la mayoría de los estudios acerca a la dificultad que aprende como factor del riesgo para los problemas de los psicossociais en infancia, asocian los problemas socio-emocionales y

mannering. La contribución del actual estudio es alarmar la necesidad del desarrollo de los estudios longitudinales para la mejor identificación de los factores del riesgo y de la investigación de los mecanismos que funcionan en estos factores, previniendo o causando las dificultades que aprenden.

Palabras claves: *revisión de la literatura; dificultad que aprende; factores de riesgo.*

Referências

- Almeida, R. M. e Alves, J. B. M. (2002). *A informática e as dificuldades de aprendizagem: repensando o olhar e a prática do professor no cotidiano da sala de aula*. Fórum de Informática aplicada a Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais. CBComp. 2002. Recuperado em 22 nov 2005: <http://www.cbcomp.univali.br/anais/pdf/2002/iee005.pdf>
- American Psychiatric Association (1994). *Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais – DSM IV*. 4 ed. Trad. D. Batista. Versão livro eletrônico. 1 Cdroom. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Ballone, G. B. (2004). Dificuldades de Aprendizagem (ou Escolares). Recuperado em 02 dez 2005: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=49&sec=19>
- Bandura, A. (1989). Regulation of cognitive processes through perceived self-efficacy. *Developmental Psychology*, n. 25, pp. 729-735.
- Barrera, S. D. e Maluf, M. R. (2003). Consciência metalingüística e alfabetização: um estudo com as crianças da primeira série do ensino fundamental. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 16, n. 3, pp. 491-502.
- Bender, W. e Wall, M. E. (1994). Social-emotional development of students with learning disabilities. *Learning Disability Quarterly*, v. 17, n. 4, pp. 323-341.
- Bianchi, S. H. (2005). *Eventos de vida, autoeficácia e autoconceito de crianças com bom desempenho escolar e dificuldades comportamentais*. Tese de Doutorado., Ribeirão Preto, SP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.
- Brasil (2006). Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. INEP. Recuperado em 27 jul 2006: <http://www.edudatabrasil.inep.gov.br>
- Borges, D. S. C. (2001). *O ensino de habilidade social de resolução de problemas interpessoais em uma classe de ensino fundamental*. Exame de Qualificação. Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Ribeirão Preto, SP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

- Capovilla, A. G. S. e Capovilla, F. C. (2000). Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível socioeconômico. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 13, n. 1.
- Carneiro, G. R. S.; Martinelli, S. C. e Sisto, F. F. (2003). Autoconceito e dificuldades de aprendizagem na escrita. *Psicologia Ciência e Reflexão*, v. 16, n. 3, pp. 427-434.
- Cicchetti, D. e Toth, S. L. (1997). "Transactional ecological systems in developmental psychopathology". In: Luthar, S. S.; Burack, J. A.; Cicchetti, D. e Weisz, J.R. (orgs.). *Developmental psychopathology: perspectives on adjustment, risk, and disorder*. Cambridge University Press.
- Correia, L. M. e Martins, A. P. (2005). Dificuldades de Aprendizagem. O que são? Como entendê-las? Biblioteca Digital. Coleção Educação. Portugal, Porto Editora. Recuperado em 02 dez 2005: www.educare.pt/BibliotecaDigitalPE/Dificuldades_de_aprendizagem.pdf
- Cubero, R. e Moreno, M. C. (1995). "Relações sociais nos anos escolares: Família, escola, companheiros". In: Coll, C.; Palácios, J. e Marchesi, A. (orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia evolutiva*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Del Prette, Z. A. P. (2000). Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem: estudos de avaliação e de intervenção. Núcleo de Estudos em Problemas de Aprendizagem – FMRP/USP. *Programa e Resumos*. I Jornada de Saúde Mental da Criança.
- Elias, L. C. S. (2003). *Crianças que apresentam baixo rendimento escolar e problemas de comportamento associados: caracterização e intervenção*. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em psicologia. Ribeirão Preto, SP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.
- Engle, P. L.; Castle, S. e Menon, P. (1996). Child development: Vulnerability and resilience. *Social Science Medicine*, v. 43, n. 5, pp. 621-635.
- Fergusson, D. M.; Horwood, L. J. e Lawton, J. M. (1990). Vulnerability to childhood problems and family social background. *J Child Psychol Psychiatry*; v. 31, n. 7, pp. 1145-60.
- Ferreira, M. de C. T. e Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1, pp. 35-44.
- Fonseca, V. (1995). *Introdução às dificuldades de aprendizagem*. Porto Alegre, Artes Médicas.

- García, J. N. (1998). *Manual de dificuldades de aprendizagem: Linguagem, leitura, escrita e matemática*. Trad. J. H. Rodrigues. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Giurlani, A G. (2004). *Ambiente familiar e os efeitos do Programa EPRP destinado a atenuar problemas de comportamento e aprendizagem*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Saúde Mental. Ribeirão Preto, SP, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.
- Graminha, S. S. V. e Coelho, W. F. (1994). Problemas emocionais/comportamentais em crianças que necessitam ou não de atendimento psicológico ou psiquiátrico. *Comunicações científicas da XXIV Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia*, 263.
- Jacob, A V. (2001). *O desempenho escolar e suas relações com autoconceito e auto-eficácia*. Tese de Doutorado. Ribeirão Preto, SP, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.
- Loureiro, S. R. (2000). O autoconceito e o senso de auto-eficácia como fatores de proteção ao desenvolvimento. Núcleo de Estudos em Problemas de Aprendizagem – FMRP/USP. *Programa e Resumos*. I Jornada de Saúde Mental da Criança.
- Margalit, M. (2004). Second-Generation Research on Resilience: Social-Emotional aspects of children with Learning disabilities. *Learning Disabilities Research and Practice*, v. 9, n. 1, pp. 45-48.
- Marturano, E. M. (2000). Crianças em risco – desenvolvimento e prevenção. Núcleo de Estudos em Problemas de Aprendizagem – FMRP/USP. *Programa e Resumos*. I Jornada de Saúde Mental da Criança.
- Maughan, B.; Gray, G. e Rutter, M. (1985). Reading retardation and antisocial behavior: a follow-up into employment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, n. 26, pp. 741-758. [Medline]
- Medeiros, P. C. (2000). *Crianças com dificuldade de aprendizagem: avaliação do senso de auto-eficácia*. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto, SP, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.
- Medeiros, P. C.; Loureiro, S. R. e Marturano, E. M. (2003). O senso de auto-eficácia e o comportamento orientado para a aprendizagem em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. *Estudos de Psicologia*, v. 8, n. 1, pp. 93-105.
- Morrison, G. M., Robertson, L., Laurie, B. e Kelly, J. (2002). Protective factors related to antisocial behavior trajectories. *Journal of clinical psychology*, v. 58, n. 3, pp. 277-290.

- Motta, A. M. A. (2003). *Programa de Habilidades de Solução de Problemas Interpessoais para crianças com dificuldade de aprendizagem e de comportamento*. Programa de Pós-graduação em Saúde Mental. Ribeirão Preto, SP, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.
- Okano, C. B.; Loureiro, S. R.; Linhares, M. B. M. e Marturano, E. M. (2004). Crianças com dificuldades escolares atendidas em programa de suporte psicopedagógico na escola: avaliação do autoconceito. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 1, pp. 121-128.
- Rappaport, C. R. (org.) (1981). *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo, EPU.
- Rosenthal, R. e Jacobson, L. (1968). Teacher Expectations for the Disadvantaged. *Scientific American*, v. 218, n. 4, pp. 19-23
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Orthopsychiatric Association*, v. 57, n. 3, pp. 316-331
- _____ (1999). Resilience concepts and findings: implications for family therapy. *Journal of Family Therapy*, n. 21, pp. 119-144.
- Santos, A. A. A. (1996). "A influência da consciência fonológica na aquisição da leitura e da escrita". In: Sisto, F. F. (org.). *Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar*. Petrópolis, RJ, Vozes.
- Santos, L. C. e Marturano, E. M. (1999). Crianças com dificuldade de aprendizagem: um estudo de seguimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 12, n. 2, pp.377-394.
- Sapienzal, G. e Pedromonico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicol. estud.*, v. 10, n. 2, pp. 209-216.
- Soares, M. B. e Cardoso-Martins, C. (1989). A consciência fonológica de crianças de classes populares: o papel da escola. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 70, n. 154, pp. 86-89.
- Sorensen, L. G.; Forbes, P. W.; Bernstein, J. H.; Weiler, M. D.; Mitchell, W. M. e Waber, D. P. (2003). Psychosocial adjustment over a two-year period in children referred for learning problems: risk, resilience and adaptation. *Learning Disabilities Research & Practice*, v. 18, n. 1, pp. 10-24. Recuperado em 22 nov 2005 em <http://www.blackwell-synergy.com/links/doi/10.1111%2F1540-5826.00054>
- Valente, I e L. Arelaro (2002). *Progressão continuada X Progressão automática. E a qualidade do ensino?*

- Weller, C.; Watteyne, L.; Herbert, M. e Crelly, C. (1994). Adaptive behavior of adults and young adults with learning disabilities. *Learning Disability Quarterly*, v. 17, n. 4, pp. 282-296.
- World Health Organization (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Yunes, M. A. M. e Szymanski, H. (2001). “Resiliência: Noção, Conceitos Afins e Considerações Críticas”. In: Tavares, J. (org.). *Resiliência e Educação*. São Paulo, Cortez.

Sheila Maria Mazer

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP).
Email: sheila@pg.ffclrp.usp.br

Alessandra Cristina Dal Bello

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/ USP).
Email: aledalbello@pg.ffclrp.usp.br

Profa. Dra. Marina Rezende Bazon

Docente do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/ USP).
Email: mbazon@ffclrp.usp.br